**Transcrição: Aula Aberta – Marilena Chauí (TV Boitempo/2022)**

**Terminologia básica para a compreensão do materialismo histórico e dialético (fala introdutória)**

Sabemos que Marx e Engels propuseram compreender a história não como um progresso do espírito humano e sim como uma prática social que conserva ou transforma as condições sociais e políticas existentes.

Esta prática está enraizada na materialidade real e concreta das relações econômicas, e por esse motivo a história dessa materialidade se chama materialismo histórico.

A origem e a forma de uma sociedade se encontram nas condições materiais da produção econômica. Isto é, na maneira como os humanos produzem e reproduzem a sua existência em condições determinadas pela forma da propriedade e pela divisão social do trabalho.

Essas condições porque são econômicas, são condições materiais e determinam a consciência a pensar sobre elas e agir seja para conservá-las, seja para transforma-las, historicamente. É isto o materialismo histórico.

Materialismo porque somos o que as condições materiais (relações sociais de produção) nos determinam a ser e a pensar; Histórico porque a sociedade e a política não surgem de decretos divinos nem nascem da ordem natural, mas dependem da ação concreta dos seres humanos no tempo, sendo o objeto da história as práticas humanas, econômico sociais e políticas.

Esse materialismo é dialético, isto é, um movimento de contradições internas a uma formação histórica. A contradição dialética é um processo no qual um termo positivo faz existir o seu negativo. Cada termo só existe pela negação do seu outro determinado.

Quando dizemos que o materialismo histórico é dialético compreendemos que Marx buscou o movimento pelo qual o capital faz existir o seu negativo, o seu outro determinado, o trabalhador. Portanto, o capital é o sujeito e o trabalhador o não sujeito.

A ideia de revolução consiste em buscar a maneira pela qual o trabalhador deixa de existir como não sujeito, negando o capital, ou negando aquilo que nega o sujeito. Esse movimento dialético é a negação da negação.

A luta de classes, portanto, não é um conflito entre duas classes que se enfrentam e sim o antagonismo posto pela contradição que define o capitalismo (capital/trabalhador, sujeito/não sujeito).

Como toda contradição é histórica, ela só termina quando o sujeito negado como sujeito, negar sua negação. Isto é, quando o trabalhador destruir o capital.

No tratamento dado à história Marx faz uma distinção entre devir e desenvolvimento. O devir é a sucessão cronológica dos modos de produção ou o movimento temporal pelo qual a mudança de um modo de produção está enraizada no esgotamento ou na crise desse modo de produção existente, ou seja, as condições sociais de um novo modo de produção foram postas pelo modo de produção anterior que, por isso, não tem condições por si mesmo de repor essas condições que serão repostas e postas pelo novo modo de produção.

O desenvolvimento é o movimento interno de um modo de produção para repor as condições da sua existência. O desenvolvimento é dito completo quando o sistema econômico social tem a capacidade de repor internamente e por inteiro as condições de sua existência, isto é, de não depender de nada fora dele para se repor.

Essa reposição não é um simples retorno ao ponto de partida, mas a cada ciclo uma atividade transformadora para garantir a conservação do sistema econômico e que aos poucos acaba por tornar visível a contradição que o constitui e que levará ao surgimento de uma nova forma econômica e social.

Isso significa do ponto de vista do desenvolvimento que quando atinge sua forma completa um modo de produção torna visível uma contradição interna a ele que sempre esteve lá, mas era invisível e agora quando o modo se completa a sua contradição se torna visível. E é uma contradição que este modo de produção não pode resolver sem se destruir.

Em outras palavras, é impossível pensar o devir, a sucessão cronológica das formas de produção, sem o desenvolvimento, porque é o desenvolvimento interno e completo de um modo de produção que faz a passagem dele para um outro.

O entrecruzamento do devir (sucessão cronológica) e o do desenvolvimento (completude das contradições de um modo de produção). Explica a afirmação de Marx de que “O novo nasce dos escombros do velho”. Portanto, o novo surge das contradições no interior do velho que o esgotam.

A produção econômica pressupõe a distribuição dos componentes do processo de trabalho, por isso, o modo de produção tem duas faces constituídas pelo processo do trabalho, isto é, a divisão social do trabalho e a forma da propriedade e da apropriação dos produtos do trabalho.

Marx denomina situação histórica 1 aquela em que a propriedade é a do objeto do trabalho, da matéria do trabalho. Essa situação histórica ocorre nas formações sociais mais antigas. Nas quais a propriedade é a propriedade da terra, ainda que em cada formação social varia a maneira como essa formação social se realiza.

Situação histórica 2 nesta a propriedade não é mais a do objeto de trabalho a propriedade é do instrumento de trabalho, como é o caso por exemplo, das corporações medievais, pois embora os artesãos não tenham a propriedade da terra que pertence aos senhores feudais, aos barões, entretanto, no interior do processo de trabalho esses artesãos são proprietários dos seus instrumentos de trabalho.

E finalmente Marx fala de uma situação histórica 3 em que a propriedade é o trabalho, ou seja, o trabalhador não tem nem a propriedade da terra, como na situação 1, nem a dos instrumentos de trabalho, como na situação 2. É o escravo ou o servo.

Essas formas de propriedade não são excludentes elas podem combinar-se de várias maneiras, sendo, por isso, mais importante determinar qual é a propriedade que embora coexistindo com outras predomina e define aquela formação social, decidindo sobre todo o restante do processo de trabalho e determinando as relações sociais.

As situações históricas 1, 2 e 3 constituem o que Marx chamaria de formas pré-capitalistas da economia.

Situação histórica 4. Qual a diferença entre pré-capitalista e capitalista? E como Marx formula a passagem histórica de uma formação pré-capitalista a uma capitalista?

Quatro dissoluções são necessárias para que o modo de produção capitalista possa emergir no devir temporal, isto é, na sucessão temporal.

Primeiro, dissolução do relacionamento com a terra enquanto corpo inorgânico do trabalho, ou seja, dissolução das relações do sujeito com a relações naturais da produção. Segundo dissolução das relações sociais e econômicas em que o trabalhador é proprietário dos seus instrumentos de trabalho. Terceiro a dissolução do fundo de consumo em que a comunidade garantia a sobrevivência do trabalhador durante o processo de trabalho. Quarto a dissolução das relações econômicas em que o trabalhador como escravo ou como servo pertencia às condições da produção exatamente como os produtos do trabalho.

Cada uma dessas dissoluções indica a dissolução de umas das formas de produção pré-capitalistas. De forma que o aparecimento temporal do modo de produção capitalista é a dissolução de todas as formas pré-capitalistas.

No caso do capitalismo a condição é inteiramente histórica, isto é, é o aparecimento do chamado trabalho livre e a separação entre o trabalhador e os meios de produção. Por exemplo, não pode haver modo de produção capitalista se duas condições não estiverem realizadas: o trabalho livre, isto é, uma propriedade do trabalhador que pode ser vendida por ele, e a separação entre o trabalho e a propriedade dos meios de produção. Ora, esses dois pressupostos para a condição do capitalismo, foram postos na última etapa do modo de desenvolvimento do modo de produção feudal. De maneira que o modo de produção capitalista parte de algo que não foi posto por ele, pois é condição para que ele venha a existir e que ele, a seguir, incorpora como seu modo mesmo de existência, realizando um processo pelo qual ele repõe as condições que o fizeram surgir.

A esse devir que explica o processo de produção capitalista, pela dissolução do modo de produção feudal acrescenta-se o movimento interno do seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento que é condição da permanência do sistema é também o surgimento de contradições até que surja aquela contradição que o sistema não terá condições para interiorizar no seu movimento para resolver aquela contradição interna que o destruirá. Essa contradição no interior do sistema, por ser insolúvel, será a condição do surgimento de um novo modo de produção. No caso o comunismo.

Link para acesso integral do conteúdo: https://www.youtube.com/watch?v=aXqLzZjXh5c